



CINTRA — CASA DE CAMPO E QUINTA DO DUQUE DE PALMELLA.

Esta agradável vivenda está situada nas faldas da serra de Cintra, a fresca e deliciosa estancia, tão justamente celebrada de nacionaes e estranhos; fica junto da villa que tem aquelle nome, mas em posição inferior. A entrada principal, como entalada n'uma estreita garganta, não deixa de ser elegante; compõe-se de um portico de excellente e bem trabalhado marmore, fechado por formosos cancellos de ferro. D'este passa-se ao jardim por uma alameda de soberbo arvoredado, guarnecida de assentos pelos lados. No meio do jardim vê-se um amplo tanque com um bom e airoso repuxo. No fundo ergue-se a bella casa de campo, que representa a nossa gravura. Tem quatro frentes, e comprehende algumas salas, decoradas com magnificencia e propriedade, e guarnecidas de moveis notaveis pela simplicidade e bom gosto.

Da planura em que está assente a casa e jardim desce-se para os pomares de laranja, e logo depois entra-se como inesperadamente n'um amenissimo jardimzinho, quasi todo escondido e toldado pelas vigorosas e copadas arvores que o cingem. Tem uma casa de recreio, uma casa de banhos, e um pequeno lago.

VOL. II. — 3.^a SERIE.

Aos pomares segue-se a mata, que uma grossa muralha separa d'aquelles. É bem povoada de arvores, e tem uma formosa casa de regalo, corôada de ameias, como se vê na estampa.

Na gravura observa-se tambem do lado esquerdo uma pequena parte do paço real.

Em varios numeros dos anteriores volumes do *Panorama*, encontrará o leitor curioso mui amplas noticias da famosa Cintra (1).

EDUARDO QUILLINAS, E SUA TRADUÇÃO INGLEZA DOS *LUZIADAS* DE CAMÕES.

I.

SOMOS nós os portuguezes pela maior parte tão alheios ao conhecimento da litteratura ingleza, que não será arriscado afirmar que á maioria dos leitores deve

(1) Vid. tom. 2.^o 1.^a serie, pag. 16, tom. 1.^o 2.^a serie pag. 359 etc.

JUNHO 4, 1853.

ser novidade o nome de Eduardo Quillinan, e os títulos, por que se faz credor da nossa estimação. E já que a sorte me deparou encontrar algumas noticias d'este sujeito, não serci eu como ellas avarento, antes as porei bem em publico, a vêr se outros, mais lidos do que eu n'estas materias, tomam d'aqui motivo para nos darem d'elle maiores e mais cabaes informações.

Eduardo Quillinan, se era estrangeiro por familia, e pelo fóro de cidadão, como filho de paes irlandezes, era portuguez por nascimento, porque viu a luz do mundo na cidade do Porto em 1791, e ahi foi creado. Já se vê que d'aqui lhe veiu o conhecimento da lingua portugueza, d'aqui a affeição á nossa litteratura, e d'aqui finalmente a admiração, que consagrou a Camões, a ponto de commetter a improba empreza de traduzil-o, e em verso, n'uma lingua, em que o mesmo poeta já contava mais de um traductor.

Em 1808, quando se ateou a guerra peninsular, entrou no serviço militar inglez, e n'elle continuou até 1821. Combinava as occupações litterarias com as fadigas da vida soldadesca, mas por tal arte que não poucas vezes teve de brandir a espada, ou empunhar a pistolla em resultado da veia satyrica de suas composições poeticas. Só uma poesia sua, que saiu no jornal inglez *O Capricho (The Whim)*, lhe rendeu tres duellos. E conta-se que em 1819 fóra a Edimburgo de proposito a tirar desforra de certo auctor, a quem attribuia a critica jocosa e severa de um dos seus primeiros poemas, intitulado *Dunluce Castle*, que havia saído no *Blackwood's Magazine*. Em 1817 casou com a segunda filha de Sir Egerton Brydges, e este enlace de familia favoreceu suas propensões litterarias. Em 1821 teve oportunidade de começar a tratar pessoalmente com o poeta mr. Wordsworth, a quem havia annos tributava admiração de longe; e deixando por esse tempo o serviço militar, deu-se todo á composição de suas obras, e á convivencia com outros auctores, não sem seus accessos de iras polemicas, em cujos combates substitua agora as armas pela penna. N'estes duellos litterarios sobresa a resposta por elle dada a mr. Walter Savage Landor, por occasião de uma satyra d'aquellas, com que este archimago entre os poetas paradoxaes (como lhe chama um seu compatriota) se divertia de tempos a tempos no intento de derribar os que elle suppunha idolos do mundo. Tendo perdido sua primeira mulher em 1822, veiu Eduardo Quillinan a casar segunda vez com a unica filha de seu antigo amigo Wordsworth em 1844; mas passados poucos annos novamente ficou viuvo em 1847. Elle mesmo apenas sobreviveu quatro annos a sua segunda mulher, vindo a fallecer em 1851. Era homem de genio desinteressado, dominado por affectos fortes e ternos; e o seu fraco consistia em certa excitabilidade e agitação, que bem indicava que lhe corria nas veias sangue irlandez. Era catholico, mas dizem que o seu catholicismo afrouxára um pouco nos ultimos tempos de sua vida. Póde-se dizer que tinha duas patrias, e que manejava ao mesmo tempo duas linguas maternas; pelo que não admira que fosse igualmente versado na litteratura d'ellas, portugueza e ingleza. A memoria, d'onde tiro estes apontamentos, não nos dá uma lista completa dos seus ensaios e trabalhos sobre a litteratura portugueza; e sómente menciona em separado a traducção dos *Lusiadas* de Camões, de que adiante se dará conta especial. Poucos annos antes de morrer visitou ainda a sua terra natal de Portugal, e publicou em inglez a descripção d'esta viagem, que é tida pela producção mais delicada e agradável de sua pen-

na. Nos seus poemas predomina o sentimentalismo. Saíram dispersos em varios jornaes inglezes, e n'aquellas selectas miscellaneas, para que contribuíram seus dous sogros, Sir Egerton Brydges, e mr. Wordsworth. Agora recentemente saíram todos juntos n'um só volume acompanhados de uma memoria por mr. William Johnston.

II.

De todas as applicações e trabalhos de Eduardo Quillinan sobre a litteratura portugueza, merece especial menção a traducção dos *Lusiadas* de Camões. Infelizmente ficou a obra incompleta, porque dos dez cantos do poema original apenas chegou a traduzir cinco, e ainda estes não receberam a ultima lima em quanto á versificação. E comtudo, mesmo assim incompleta, foi esta obra agora publicada com algumas notas de John Adamson, biographo, e outro antigo admirador de Camões. Não sou eu o competente para avaliar o merito de uma versão ingleza de Camões; mas reportar-me-hei ao juizo, que d'esta foi publicado por pessoa competente (1), e é em summa o seguinte:

A traducção de mr. Quillinan é obra digna de toda a recommendação; e mesmo assim incompleta como é, e sem embargo de mostrar quer na rima, quer na dicção que lhe não passou por cima a ultima demão do auctor, eleva-se tão perto do nivel de uma boa traducção, que é muito para lamentar que a vida lhe não chegasse para dar á litteratura ingleza um dos seus *desiderata*, uma fiel e fluente versão do epico portuguez. Mr. Quillinan, seguindo a marcha de seu original, e obedecendo á primeira condição de bom traductor, que consiste em reproduzir a propriedade original, maneja as difficuldades da oitava rima em inglez com vigor, e não sem graça; conservando em geral a substancia da phrase de Camões com a devida fidelidade, e vertendo os melhores passos do poema com certo calor proprio de um animo culto, e inflammado na admiração de uma nobre obra. Finalmente esta amostra, como agora se publica, quasi que justifica a persuasão de que mr. Quillinan, se lhe durasse a vida, teria dado uns *Lusiadas* inglezes modelo.

Quem é tratado com pouco amor no artigo critico, a que atraz alludi, é o editor e annotador mr. Adamson. Havia este no prefacio requerido a benevolencia do publico, exprimindo a esperanza de que se não applicaria á obra um mui severo grau de critica, por sair incompleta, em razão da prematura morte do auctor. Mas esta mesma precaução do editor lhe é dada em culpa pelo critico. É claro, diz este, que mr. Adamson, assumindo a responsabilidade de publicar uma obra incompleta, só póde ser justificado por ter para si que as obras posthumas, como foram deixadas por seus auctores, merecem publicação nos termos, e se sujeitam ás condições, sob as quaes outras similhantes producções são voluntariamente dadas á luz. Se assim é, continúa o critico, não póde haver fundamento para a excepção requerida pelo editor. Se é de outra maneira, seria do dever de mr. Adamson supprimir a obra. Mas, supprimida a obra, (prosegue o critico com a inexoravel pertinacia da phlegma ingleza) ficaria mr. Adamson privado do gostinho de fazer saber ao publico que era intenção do traductor dedicar-lh'a a elle, quando completa, e juntamente ao sr. Mon-

(1) No jornal inglez semanal *The Athenaeum*, de 23 de abril de 1853.

teiro; e não lograria ao mesmo tempo o prazer de mencionar a sua propria *Vida de Camões*, publicada em 1820, e a sua quasi sem par collecção de edições, traducções, e livros relativos ao seu favorito poeta portuguez.

Não contente de pintar com tão negras côres as intenções de mr. Adamson na publicação d'esta obra, passa o critico a julgar o merito das annotações do mesmo editor. Consistem ellas, na sua opinião, em breves explanações de nomes geographicos e classicos, de que o poema abunda, explanações apropriadas ao commum dos leitores menos instruidos; em quanto que sobre allusões historicas, e outras, que mais particularmente requeriam notas, o commentador guarda silencio. Em summa, conclue o critico, a parte que o editor tem na obra, não pôde com effeito soffrer o menos severo grau de critica.

Escusado será dizer que me não associo com o critico inglez nas invectivas e insinuações pouco caridosas, com que trata o seu compatriota mr. Adamson. O nome d'este illustre amator das nossas letras, e biographo do nosso immortal epicô, é demasiadamente caro aos estudiosos portuguezes, para que estes possam vêr de rosto alegre o desabrimento, com que por nossa causa é tratado na sua terra. Sirva-nos porém de consolação este exemplo, e de resposta áquelles que affirmam ser só vicio de portuguezes desdenhar dos seus, e menospresar as suas cousas. Salvo se o respeitavel mr. Adamson incorreu nas iras de seus patricios por tratar com amor cousas portuguezas: e n'esse caso tanto mais se agrava o meu dissentimento, e tanto mais injusta e menos cabida me parece a severidade da censura.

Não concluirei sem expôr qual seja o juizo do critico, assim sobre outras versões inglezas de Camões, como sobre o merito do proprio poeta: e fal-o-hei sem tomar sobre mim a responsabilidade de taes opiniões, que eu aqui só refiro, mas nem accetto, nem impugno. Sir Richard Fanshaw, diz elle, ainda que dotado da robusta vehemencia, que compete á vida poetica de seu tempo, deu mais um burlesco retracto, do que uma pintura ao natural dos *Lusíadas*. Mickle era sim homem de fino gosto natural, forte capacidade, e elegantes partes; porém as noções, que tinha do character e leis poeticas, foram formadas sobre o prevertido, e essencialmente prozaico systema ensinado na escola franceza, que o genio de Pope ajudou a impôr a todos os traductores inglezes do 18.º seculo. Seus *Lusíadas* são uma bella amostra da especie de manipulação, que elle tinha apreendido a suppôr mais conforme a seu intento; e está longe de se poder dizer ter merecido o favor que lhe tem sido conferido em repetidas edições. Não dá o mais pallido reflexo da verdadeira figura, nem ainda um remoto echo do tom de seu original portuguez. É uma imitação paraphrastica (maneira mui admirada no seu tempo) da obra composta por Camões em outro estylo completamente diverso; e lhe substitue um poema inteiramente differente.

Do proprio original portuguez diz que sem adoptar os ditos vagos de Voltaire, sem ainda negar que o poeta sobe em alguns logares a uma altura nunca excedida, como na apparição do Genio do Cabo; que em outros, como na descripção da ilha de Venus, se enternece em tão voluptuoso encanto, que nem o proprio Tasso o excedeu; sem esquecer o pathetico de certos episodios, o fogo e esplendor de muitas de suas descripções; mesmo assim considerado no seu todo lhe parece occupar o ultimo lugar na primeira plana dos poemas epicos, com quanto merecidamente deva ser classificado acima de todos os de segunda ordem. Levar-nos-ia mui longe (continúa o critico)

na presente occasião discutir extensamente as razões d'esta classificação; e bastará apontar duas, que são as principaes: primeira, a fatal confusão entre a fé christã e a ficção gentilica, que falsifica toda a machina do poema; e segunda, a desigual composição de toda a obra, intermeando-se n'ella, em proporção de sua extensão, muito maior numero de logares inspidos e frouxos, do que se acham em outras obras de primeira classe; e por ultimo uma sensivel declinação de vigor na conclusão. Quanto d'isto seja devido ás amarguras, que deviam ter abatido o espirito de Camões durante a composição da obra; quanto ao predominio do especial desejo de eternisar os fastos da gloria portugueza, e ás recordações pessoas da parte activa, que elle proprio havia tomado n'estas scenas da navegação da India, seria arriscado determinal-o. Como memorial das honras lusitanas sómente, o poema fica muito acima de todas as outras producções d'esta especie, porém entre os supremos poemas, que passam como propriedade universal do mundo inteiro, deve sem injustiça occupar menos distincto lugar. Por ultimo (acrescenta o critico) a primeira metade dos *Lusíadas* é a parte mais bella de toda a obra; de maneira que, com quanto os leitores inglezes possam lamentar que a traducção de mr. Quillinan se limite aqui, gosarão com tudo da melhor porção de todas as excellencias, que tem feito immortal o nome de Camões.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

LINDOS OLHOS.

LINDOS olhos são os gargos:
Tem na dubia, meia còr,
Vêu, que afrouxa, não esconde
Desejos vivos d'amor.

São na branda luz, que espalliam,
Como tremulo, perplexo,
Quando s'espelha nas ondas,
Da lua meigo reflexo.

Como flôr de tento arbusto,
Que a brisa, apenas mostrara,
Em manto de verdes folhas,
Receiosa s'occultara.

Como no cristal a sombra,
Que espalha lento bafejo,
Logo, em brilho demudada,
De fulgurante lampejo.

Ou, d'aurora, o recém-nado,
Primeiro, pallido raio,
Em que ambos — dia e noite,
Se casam n'um só desmaio.

Mas, se lindos são os gargos,
Que lindos os mais não são!
Azues, pretos, ou castanhos,
É os verdes, porque não?

Que saphira houve, tão bella,
Onde, a còr azul-celeste,
Igualasse, em vivo esmalte,
A que uns lindos olhos veste?

Que mar, que lago, que espelho,
Que céu, mesmo — o proprio céu,
Reflectiu côr mais serena,
Mais pura de todo o véu?

E no seu volver suave,
Quando a pupilla s'esconde,
A voz do peito escutando,
A que muda então responde!

Oh! n'esse momento d'extasi,
D'expressão maga sem fim,
Não imitam — que são ellee,
Os d'ethereo serafim.

E uns olhos pretos — bem pretos,
De vivo relancear;
Que atrahem, mandam, subjugam,
Que matam, no seu olhar?

Que, mesmo indifferentes, fallam,
Que intimidam, quando irados;
No brando volver — encanto,
Feitiço d'enamorado.

Que no coração projectam
Viva chamma rutilante;
Qual ustorio, ardente espelho,
Que o fogo atéa distante.

Como, em céu — de negro todo,
Quando proxima a procella,
A nuvem rasga brilhante,
Luz, que cega — mas que é bella!

E uns olhos verdes — d'um verde,
Que — rival da esmeralda,
Vence os mil da natureza,
Em sua florea grinalda!

Olhos ternos, que não sabem,
Que não podem ser altivos,
Se querem fallar despresos,
A côr torna-os compassivos.

Se, a momentos, reverberam
Luz de pallida esquivança;
Por entre os raios de morte,
Ha sempre raios d'esperança!

Como, palavra d'acerto,
Por entre insano delirio;
Como premio, além da campa,
Por entre cruel martyrio.

E uns lindos olhos castanhos?
Côr, que os iguale, os defina,
Não ha na flôr, ou na planta,
Não ha na pedra mais fina.

Côr, modelo de si mesma,
Sua — só — de mais ninguem;
Que a nenhuma se compara,
Os olhos castanhos tem.

Esmalte — em azues e verdes,
Luz, que nos garços vacilla,
Em olhos pretos dardeja,
Mas nos castanhos scintilla.

Que a dos garços — por mais vaga,
Projecte menos ardor;
Que a dos verdes — por mais rara,
Tenha n'isso mais valor:

Que a dos pretos — porque offusca,
Ninguem fite, sem respeito;
E a dos azues, mais serena,
De ternura inunde o peito:

Embora! — que a dos castanhos,
Nem despraz — por duvidosa,
Nem s'estranha — por ser rara,
Nem repelle — por fogosa,

Nem, por sensual, confunde.
Como, terno, ledo beijo,
Que cede parte — e revela
Toda a escalla do desejo!

Oh! lindos olhos castanhos,
Proclamem-se uma — mil vezes!
Havel-os, não ha tão bellos,
Não nos ha — mais portuguezes.

Mafrá — maio de 1853.

J. DA C. CASCAES.



A ESCRAVA DO HARÉM.

Um artista inglez, que ha poucos annos viajou pelo imperio de Marrocos, teve a curiosidade de colligir no seu album uma abundante serie de desenhos dos mais pittorescos costumes daquelle notavel, e, em geral, pouco conhecido paiz.

A maior parte desses desenhos tem para nós dobrado interesse, porque se referem ás graciosas habitantes dos luxuosos haréns marroquinos, que, como os do oriente, são ordinariamente inacessiveis aos europeus.

Na impossibilidade de reproduzir todos os desenhos daquelle collecção, de que a melhor parte veio pu-

blicada no *Illustrated London News* de 1844, escolhemos entre outros o que a nossa gravura representa, que é o transumpto (fiel quanto pode desejar-se em trabalho de tão pequenas dimensões) de uma escrava, d'essas que servem nos serralhos as caprichosas damas mouriscas, e que muitas vezes não são nem menos formosas, nem menos queridas do que ellas.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVI.

Uma ceia cara.

O BRAÇO da taça ficou tezo e hirto no ar ao leigo. Com a bôca escancarada no riso boçal da ebriedade pasmou a vista estúpida em Fr. Munio, que era quem o interrompêra. Depois, apontando para elle, bradou com uma gargalhada parva:

— «Esse farricouco tirem-m'o d'ahi! Não vêem que não se pode ter de vinho?»

O virtuoso monge, descendo o capuz, escondeu as faces vermelhas de vergonha. Neste momento o judeu, agarrava-se-lhe á fimbria da tunica, dizendo:

— «Livrae-me das mãos deste salteador, disfarçado nos habitos da vossa ordem... já me roubou vinte dinheiros!»

— «Dizes a verdade, judeu, sim é disfarçado!» acudiu Fr. Munio suspirando.

— «O judeu renega? insistia o Barbato, que dous serviçaes empurravam para fóra da sala. «Eu ensinarei o pagão. Anda cá Pilatos, Longuinhos, Magdalena usuraria?»

— «Levem-no, levem-no» — exclamava o monge cõnvulso de indignação e de dôr.

Vasco Lourenço, quando viu o leigo atolar-se na brutalidade da embriaguez foi direito a Fr. Munio, e com ar magoado contou-lhe o escandalo que um hypocrita estava dando aos bons christãos. Fulminado com a noticia o frade desceu, e chegou exactamente na occasião, em que a gloria bacchica de D. Muninho resplandecia com todo o fulgor. Detraz dos serviçaes apinhados o pobre monge viu e ouviu tudo com horror e espanto. Coração nobre, alma recta e verdadeira sentia-se desfallecer de afflicção com os impuros fumos daquellas devassidões. A figura truenesca do leigo, roxo de vinho, e impando de lascivia, aos olhos da sua consciencia caracterisou-se com as feições de Satyro vomitado pelo inferno para embaír pela soltura sensual. O histrião, impudente e impio, tinha-se assentado nos degraus do altar para apagar com o sôpro do escarneo a luz do céu, que arde em roda delle. O veneno das blasphemias, aceradas pelo riso distillando no peito dos ouvintes, combatia o temor de Deus; e vestido com os habitos dos solitarios, mortos para o seculo, o truhão fazia duvidar os fieis da pureza dos que prégavam cingidos do mesmo esparto.

Neste conflicto doloroso a esponja, que trazia na bôca, azedou-se-lhe de toda a amargura desta grande e nova dôr. «Senhor, gemia elle, é preciso que um immenso poder de tentação sobre os teus servos fosse dado ao abysmo, para envolto na propria mortalha da penitencia, o espirito rebelde se atrever á obra santa da tua lei! São os desvios dos que te negam no coração chamando-te com a bôca; são os regalos e deleites do corpo, que entraram na clau-

surra e aqueceram a vibora, que não mataram quantas lagrimas e quanto sangue correram para a desterrar de lá. Os olhos dos solitarios cansados de olhar sempre para o céu, viraram-se para a terra, e dos limos das grandezas mundanas fizeram idolos aos sentidos e á carne; porque a sua alma não era já de Deus, e andava cega no meio do arruido das cidades.

«A cruz tinha sido o leito em que se estendiam para morrer; arvoraram-na entre palacios e castellos, emblema do sceptro ou do poder; e apagando as letras de Deus, entalharam no madeiro as das paixões do homem. A soberba, a cubiça, e a riqueza hão-de perder-nos. O ouro matará o claustro, como o povoado matou o ermo!»

«Entre aservas más cresceram flôres. As virtudes nunca parecem! Mas os eleitos serão poucos; seculos d'abnegação e de estudo, a virgindade do coração e do espirito, a fé no meio da indifferença ou das mofas farão martyres, porém não tornam a levantar o mosteiro. Os martyres hão-de chorar; as suas penas serão as das almas nobres; e o seu clamor não morrerá com a geração que os perseguiu; hade durar e escrever o protesto nas lousas, debaixo das quaes os verdugos e as victimas estarão dormindo. Mas a posteridade é um cemiterio. A gloria que lá chega, não passa de furtiva restea de sol, que doura um nome, ou dá luz a uma pagina. Depois do mosteiro em ruinas não ha braços para o erguer.

«Um dia, quando os gritos dessa philosophia vaidosa do saber de hontem, de que nós os monges lhe ensinámos mais de metade, caírem no silencio, que se faz á roda d'um sepulchro, nesse dia os algozes e o condemnado serão chamados a novo juizo. O processo será revisto e a historia delle, livro maldito de crimes, cubiças e torpezas, será aberta sobre a scultura de cada um dos grandes homens, que revolveram com a charrua os ossos dos justos e os ossos dos paes; e ufanos da gloria dos combates mandaram os corceis profanar os templos, em que repousam os reis, debaixo das abobadas d'onde pendiam trophéos ganhos, quando quebrar pelo punho a espada ao estrangeiro, e varrer o pó dos seus pés da terra natal, era um dever religioso para o Mestre d'Aviz e para Nuno Alvares Pereira!»

«Essas bandeiras da independencia servirão para chaireis de cavallos; e os ossos, juntem-nos em algum desvão sombrio! O marmore dos tumulos é para lagear passeios. Essas cruces e custodias, ouro e prata para materialistas sem tradições, fundir-se-hão em copos e baixelas, ou em collares e brincos!»

«Esta geração dir-se-ha mais sabia, mais illustrada, maior que todas as outras. O velho Portugal enterrava os conquistadores nos seus campos, e dizia ao arabe «Este solo é meu,» e fêl-o seu. A Castella: «Esta corôa é livre,» e foi livre. Ao oceano: «Serás meu escravo,» e o oceano curvou-se ao sulco das suas armadas. Então Portugal tinha coração que batia com a gloria e com a liberdade...

«Um dia a cogulla do monge, que foi arnez de soldado tambem, mas de soldado pobre, sem armas, paciente e resignado, que viveu e padeceu com o povo por todas as verdadeiras liberdades, que chorou as lagrimas de todos os opprimidos, e fustigou a dissimulação e o orgulho de todas as tyrannias, a cogulla do monge, levantada das ruas onde lh'a despiram, será consagrada com os outros grandiosos symbolos da civilisação e do progresso humano.»

Uma luz prophetica illuminava assim as reflexões de Fr. Munio até ás sombras do futuro. O espectáculo, que o contristava não era infelizmente unico

na chronica do claustro. Mas a estrondosa publicidade, de que o Barbato se rodeára, campeando como Sileno no asno da embriaguez, é que sobre tudo assustava o bom do padre. Um exemplo severo, o castigo immediato do sacrilego, devia ser o meio efficaz de desvanecer os deploraveis effeitos da impiedade. Meditando nisto, saiu da sala, e dirigiu-se ao aposento de Maria Paes, perseguido pelas mesuras e momicas do agradecido D. Zuleima, que não parou senão no primeiro degráu da escada, que subia para os andares de cima.

Voltando á casa da ceia o judeu não ficou pouco enleiado de achar nella a Martim Paes, assentado no mesmo escaño, d'onde o Barbato se erguera para entoar o « gloria in excelsis » á conversão do honrado thesoureiro. D. Zuleima principiava a dispender cortezias e agradecimentos pela boa pousada, quando um gesto imperioso lhe tapou a bôca. O cavalleiro de Lanhoso acenou-lhe que se assentasse, e foi cerrar a porta. Dahi, chegou-se á meza, e enchendo a taça de vinho despejou-a d'uma vez. Depois de dous ou tres passeios pela casa, parando defronte do rabino, e encrespando o sobrolho com severidade, disse friamente:

— « Quem te mandou aqui, judeu? »

A pergunta não foi do gosto de D. Zuleima. Entrou n'um certo arrepio nervoso, a que a malicia dos satyricos tem a semsaboria de chamar medo. Com tudo sempre acudiu com voz macia e risonho aspecto:

— « A fome, esforçado cavalleiro! »

— « Nada de embustes, mestre Zacarias. Não sou mordomo; ou chanceller para engulir as garatujas dos teus livros como verdades do Evangelho. Quem te mandou? »

— « Ninguem. Por accaso passava, e . . . »

— « Ah, por accaso?! . . . Como hospede dei-te ceia e pousada. Como espia vou pôr-te em sitio alto, d'onde vejas tudo . . . Eu tambem enforcotei-te por accaso. »

— « Espia!?! . . . de quem sou eu espia? »

— « De Egas Lourenço. Confessa que te enviou a saber de seu irmão D. Gomes. Elle ou el-rei! . . . »

— « Pelo sagrado livro da lei, nunca vi o nazareno. »

— « Mentos! Quem te salvou do povo na praça de Coimbra? Confessa; ou por alma de meu pae, (e nunca hei de quebrar este juramento) mando-te pendurar pelos pés em uma viga d'esse tecto. »

O triste D. Zuleima, ouvindo a citação urgente, verde, azul, e roxo sentia-se já bailando ás estrellas suspenso a trinta pés de altura. A' força de medo entramelava-se-lhe a lingua. Com os olhos vidrentos e espantados olhava para o cavalleiro, com as mãos postas implorava a sua misericordia, e com os joelhos em terra batia um rufo de tamborileiro. Era tão expressiva a angustia naquelle rosto desfigurado, que D. Martim quasi que chegou a compadecer-se.

O objecto por onde enectára a conversação não era o verdadeiro motivo da sua vinda. Seguindo vagos instinctos de diplomacia, o senhor de Lanhoso creava um phantasma para detraz delle collocar a realidade. O caso reduzia-se ao seguinte: Martim Paes necessitava de dinheiro, e o judeu gosava da fama de ter muito. Pedir-lh'o, amigavelmente seria inutil; arrancar-lh'o de viva força, seria incerto, e demorado talvez; restava extorquir-lh'o por intimidção, meio victorioso e prompto como nenhum.

Foi, já se vê, o esboço informe do direito das gentes inaugurado nos mares da China. O celeste imperio devia envenenar-se com opio para a companhia das Indias se não arruinar. O proveito das suas grangearias chamou-se então progresso civilizador. A li-

berdade de commercio foi o phantasma; e os pacotes de opio a realidade . . . o meio, a descarada logica de todos os seculos — a força bruta.

D. Zuleima, coitado, caíra entre as duas pontas de igual dilemma: « enforcado se não se deixa roubar, ou roubado para se não deixar enforçar insipidamente. » Não consta porém que no terror natural de tamanho caso de consciencia, o nosso amigo chegasse á desesperação de deitar a lingua de fóra ao seu perseguidor, como a bellicosa chuchadeira dos mandarins ao commodoro britanico. Mesmo de baraço ao pescoço tinha grandeza d'alma para regatear as despesas do funeral, e enganando o verdugo sumir a melhor peça da sua herança na morte do justicado. D. Zuleima estava resolvido a engulir as duas pedras do seu colar, que valiam juntas o resgate de um conde.

— « Então, judeu, perdeste a falla? » bradou D. Martim com impaciencia. « Que vieste aqui fazer? »

— « Nobre cavalleiro », balbuciou a victima, « eu vim . . . porque chovia, era noite . . . e a Coimbra são tres legoas. »

Era uma razão soffrivel. O judeu recolhia-se para não estoirar de frio.

A de Martim Paes para convencer mestre Zacarias foi tambem sufficiente. « Bolsa ou vida! » Morte, que se gloza e se completa desde que ha oppressores e opprimidos.

Postas as cousas nesta clareza, o cavalleiro de Lanhoso estava muito apressado para se demorar nos preliminares. Aterrado o rabino, entrou logo em materia.

— « Donde vens? »

— « De Leiria. »

— « Para que? »

— « Fui arrecadar as rendas reaes. »

— « E trazes contigo? . . . »

— « Quasi nada, uma ninharia, » atalhou o judeu com desconfiança.

O cavalleiro deu outros dous passeios pelo aposento, e volvendo á postura antiga cravou no desmaiado Zuleima os olhos d'um milhano que vae descer á preza.

— « Não acredito uma palavra, » disse elle com socego e ironia. « Aonde está o dinheiro dos direitos? Sois vós tão parvos judeus, que o largueis de mão? »

— « Valente cavalleiro, é tão verdade . . . como ser eu o mais pobre da minha tribu. »

— « O dinheiro, o dinheiro, que é d'elle? »

— « E' assim, o dinheiro . . . devia trazel-o; mas roubaram-m'o? »

— « Ah, roubaram-no?! . . . e a mulla; e esse colar? Cão tisonado, vasculho da synagoga, mentos! Entraste aqui como espia. Mas, em nome de Santiago Apostolo, antes d'acabar a noite, ceiarás segunda vez com Judas no inferno. »

— « Misericordia! » clamou chorando mestre Zacarias, e tornou a atirar-se ao chão, e a varrer com as barbas os pés do senhor de Lanhoso.

Martim Paes indo já a sair fingiu que se commovia, parando de repente bradou com imperio:

— « Onde está o dinheiro, judeu? . . . não graces com a morte. Se o não trazes és espia, e enforcotei-te; se o tens . . . não te succede mal. Escolhe! »

Uma idéa consoladora e luminosa encheu d'esperanças o coração de mestre Zacarias. O dinheiro era do recabedo real, não era seu. Affonso 2.^o podia obrigar a restituil-o, e castigar mesmo quem lhe tocasse, em quanto depois delle honrado D. Zuleima ter sido enforcado, o que lhe parecia indubitavel, todos os reis e imperadores do mundo não resuscitavam a carcassa roída dos abutres, que o norte balou-

çaria na força. Havia de ser lastimado, recommendado como o exemplar dos thesoureiros; porém «farelorio! dizia consigo; não ha asneira maior que morrer á espera d'um elogio posthumo.» Portanto, em conseguindo arrancar ao cavalleiro a declaração de que se apropriara das rendas, ficava limpo e salvo, e com o pescoço sem tregeito nem quebradura.

Partindo d'este raciocinio, que apesar de não ser vasado no molde classico do grande Genuense, não deixava de ser um raciocinio competente, como diria um amigo meu, o sr. D. Zacarias, com um gemido abriu a aljubeta, desacolchetou a veste interior, e dentre a pelle e a camiza tirou um saquitel inchado.

— «Aqui está a renda de cinco herdades de el-rei» disse, carregando na palavra *rei* como em conjuração magica.

— «E' tudo?» perguntou o senhor de Lanhoso com desconfiança. «Vê bem. Vou mandar-te despir, e achando mais, com um ferro em braza juro cunhar-te na pelle quantas moedas quizeses furtar-me.»

Intimado com tanta amabilidade o nosso thesoureiro tornou a fazer viagem igual á camiza e á pelle, e trouxe d'ella outro captivo, irmão mais velho do primeiro. Pequeno e muito mais precioso, porque guardava ouro.

— «E' tudo agora» exclamou o judeu lagrimando. «Mas sou um homem perdido, arruinado, se o não entrego.»

Sem dar ouvidos ás lastimas do rabino, Martim Paes vasou os saccos sobre a meza, contou o dinheiro, e achou que todo junto fazia tresentos morabitanos. Por detraz delle nos bicos dos pés, D. Zuleima espreitava por cima do hombro do cavalleiro a operação arithmetica, acompanhando com os olhos amigos cada moeda, e sentindo um repellão em todo o corpo, quando o seu perseguidor se demorava com alguma.

Acabado de contar o dinheiro o irmão de Maria Paes, com a mais affavel cordialidade, virou-se para o judeu:

— «Meu querido D. Zuleima, has-de ajudar um cavalleiro e valer a um necessitado. Preciso d'estes tresentos morabitanos.»

— «Não posso. Deús sabe se desejo servir-vos, mas não posso. Tenho de os pagar até á ultima mealha.»

— «Olha, D. Zuleima,» proseguiu todo risonho o senhor de Lanhoso «ou tu me emprestas estes morabitanos, ou eu te mando enterrar na cisterna d'este castello, e digo depois que foi o cão do judeu que lá se foi deitar, tentado do diabo.»

— «Se vos bastassem cem?»

— «Se eu te mandasse cortar as mãos?»

— «Duzentos, duzentos!» exclamou o judeu como o vendilhão entrincheirado na ultima proposta.

— «E um pé decepado ao usurario judeu?»

— «Em fim,» suspirou o padecente, leve-o todo, esse desaventurado dinheiro. Mas é de el-rei — que se não lh'o entrego me corta a cabeça. Apiedae-vos. Assignae-me um pergaminho de que m'o... recebestes.»

O judeu negociava tambem menos mal, como se vê. Reservou para ultima a condição essencial sem esquecer a defeza dos pontos secundarios. Infelizmente tinha encontrado um negociador inexoravel.

— «E' justo, por Santiago!» acudiu com benevolento sorriso Martim Paes. «E' de justiça. Escreveo para lhe pôr logo o sello.»

D. Zuleima, radioso, sacou do seu escriptorio portatil, e de cabeça baixa, entrou a encher de garatujas uma tira de pergaminho. O senhor de Lanhoso abanava a cabeça, em quanto elle escrevia.

— «Agora o sello!» disse o rabino.

— «D. Zacarias, o sello ha-de ser a lingua da vareja das arcas reaes, que se atreve a duvidar da palavra d'um rico-homem.»

Mestre Zacarias Zuleima não disse nada. Rasgou o pergaminho, e levando as mãos á cabeça, trouxe um punhado de cabellos em cada uma.

— «Adeus, generoso thesoureiro,» bradou com escarneo o senhor de Lanhoso, «vae repousar á boa torre de menagem, responsa á tua synagoga o teu dinheiro, e amanhã acharás as portas abertas para sair.»

Concluida com tanta habilidade a negociação, o cavalleiro arrecadou os saccos, e chamou dois homens d'armas. No meio delles foi D. Zuleima para a torre, calado e com as mãos enterradas até ao cotovello nos bolsos da aljubeta.

Era pagar um pouco cara a boa ceia de Vasco Lourenço.

Tresentos morabitanos por duas mãos cheias de sal, e uns ossos de viado, nunca todas as synagogas juntas lograram devorar a uma victima.

Pobre D. Zuleima!

(Continúa.)

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

Não me julgo competente para continuar a noticia que d'este archipelago começou a dar no *Panorama* (vid. n.º 106, primeiro do anno de 1844) uma pena mais habil que a minha. São mais modestas as minhas pretensões, e mais accomodadas á humildade dos meus talentos: eu desejo concluir a noticia começada, para satisfazer a pedidos, que me consta se têm feito á empreza d'este semanario, e para que se torne bem popular, quanto fôr possível, o conhecimento d'estas nossas, tão proximas, e tão ignoradas possessões.

Mui pouco foi o que chegou a escrever o talentoso escriptor a quem succedo, e ainda mal! que com elegancia e primor o fazia elle, po que não posso imital-o! Mas n'esse mesmo pouco ha asserções com que me não posso conformar, algumas das quaes poderiam ter sido exactas dezoito annos antes, porém que já o não eram ao tempo em que os seus escriptos se publicavam; e não podia eu acceital-as, e parecer até certo ponto que as reconhecia verdadeiras, continuando a minha narração do ponto em que elle suspendeu a sua.

Ninguem espere de mim que me detenha a refutal-as. Nenhuma utilidade proviria d'ahi para o publico, nem gloria para mim. Essa refutação ha de apparecer naturalmente na minha exposição, e os curiosos poderão facilmente conhecel-a, comparando os meus artigos com o que se lê na descripção da Villa da Praia, publicada no logar citado.

Dada esta explicação, entro na materia.

Parece-me desnecessario demorar-me com a historia da descoberta d'estas ilhas, já porque não ha ninguem de mediana leitura que a não conheça nos pontos em que ella é incontestavel, como porque nos outros é confusa, obscura, e quasi sempre conjectural: passarei portanto de salto a fazer a descripção de cada uma das ilhas de que se compõe o archipelago, que é o que mais póde interessar; começando, como é de razão, pela maior, em extensão, em riqueza, e em população, de todas ellas, que é a

Ilha de Santiago.

Tambem por antonomasia se lhe chama do Cabo Verde; e assim veiu denominada em quasi todos os documentos até aos fins do passado seculo.

Corre esta ilha do sueste para o noroeste, e se-

gundo a opinião da gente do paiz tem cêrca de treze leguas de extensão desde a ponta da Temerosa até á do Tarrafal, e perto de seis na sua maior largura desde a ponta de S. Francisco até á ribeira do Inferno, cujo nome parece provir-lhe das muitas e fastidiosas calmas que ali atormentam o navegante; porém para o norte vae adelgaçando como o cabo de uma ventarola, chegando a ter pouco mais de duas leguas de largura em partes.

Divide-se em dous concelhos por um alvará da prefeitura de 1834, que extinguiu o municipio chamado da Cidade, e creou um outro com a denominação, que logo se verá. Estes concelhos são: o da Villa da Praia, de mais de dous seculos de existencia, que se compõe das seguintes freguezias, começando da Villa da Praia: 1.^a *Nossa Senhora da Graça*, que abrange a mesma villa; 2.^a *Santissimo Nome de Jesus*, na cidade da Ribeira Grande; 3.^a *S. Nicolau Tolentino*; 4.^a *S. Lourenço dos Orgãos*; 5.^a *Santiago Maior*, onde foi a primeira povoação da ilha; 6.^a *Nossa Senhora da Luz*; a terceira e quarta no centro, e as demais á beira-mar. O concelho de Santa Catharina consta de cinco freguezias, que são: 1.^a *S. João Baptista*, na ribeira d'Antonia; 2.^a *S. Miguel Archanjo*; *Santo Amaro*, no Tarrafal; 4.^a *S. Salvador do Mundo*, nos Picos; 5.^a *Santa Catharina*, no matto.

É cortada por estreitos e profundos valles, n'alguus dos quaes, principalmente para o norte, e no interior, nos sitios a que chamam *Fóra*, correm perennes ribeiras de agua limpida, mui fresca e leve, que regam extensas hortas e mandiocaes, tanto de regadio como de sequeiro, e grandes fazendas de canna de assucar, pomares de fructa e cafetaes, que fazem d'esta ilha uma terra abundante, e de vivenda agradável pela riqueza e quantidade dos productos, assim como pela barateza do passadio. Cheia de montanhas elevadas, nota-se que os terrenos proximos do mar, ou sejam baixos ou montanhosos, adoecem de esterilidade, já porque a acção do sol tenha ali mais força, e seja por conseguinte mais nociva ás produções, já porque o ar do mar concorra para isso, e queime a vegetação antes de chegar ao seu desenvolvimento; ao passo que no interior e para o norte é nas vertentes d'essas montanhas que estão sitas as melhores plantações.

Comtudo para o sul e oeste ha tambem algumas ribeiras, posto que mais raras, e que parece receiam-se da aproximação do mar, pois seccam a uma, ou duas leguas de distancia das costas, posto que sómente na estação das brisas; que assim que chega a estação chuvosa, quando se diria que se abrem as cataractas do céu, d'onde cáem as chuvas torrencias, estes humildes regatos convertem-se dentro de poucos minutos em caudalosos rios, que, não só interceptam por muitos dias toda a comunicação de uma com outra margem, mas chegam a destruir tudo, casas, sementeiras, e vallados; é na impetuosidade de sua corrente, não só carreiam para o mar plantações inteiras, arvores, gados e gente; mas até enormes pedaços de rocha, que causa admiração como as aguas puderam movel-os.

Os desastres que causam estas ribeiras são taes, e o prejuizo que originam tamanho, que não sei qual é mais para sentir, se um anno de poucas aguas, se um em que ellas sejam abundantes. Nas chuvas de 1844 assegurou-me um proprietario, e já m'o tinham communicado as participações officiaes, que só elle tinha perdido mais de cinco mil pés de café!

Como o concelho da Villa da Praia é o que apresenta maior quantidade de montanhas aridas, e planicies mais aréentas não me admiro de que seja o

de Santa Catharina mais abundante de viveres, e ainda de artigos de commercio, e que seja elle o que póde realmente chamar-se a despensa, não só da ilha, mas de uma boa parte do archipelago; o da Villa da Praia escassamente sustentará seus habitantes as duas terças partes do anno.

Comtudo esses terrenos só por uma grande injustiça, ou ignorancia pódem chamar-se estereis em toda a força da expressão. Produzem, é verdade, pouco milho, feijão, mandioca; mas dão bastante café e assucar, e agua-ardente, e são ricos, muito ricos em anil e algodão, e noz de purgueira, porque os covões e ladeiras abrigadas estão bem vestidos de purgueiras, e assim mesmo com este arbusto são feitas as divisões das fazendas, e elle offerece duas colheitas em cada anno; e as *chaadas*, e pontos expostos produzem, quando as chüvas são regulares na quantidade e nas epochas, abundantes pastos, pouco nutritivos sim, mas que assim mesmo sustentam os gados no tempo secco, e que se fossem bem preparados e aproveitados, muito haviam de concorrer para que não soffresse desfalque est'outra riqueza do paiz, que quasi todos os annos soffre grande diminuição de muitas centenas de cabeças, que morrem á mingua de sustento.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

No PRANTENO artigo com que acompanhámos a gravura que representa a igreja de Santa Cruz, publicado no numero 20, paginas 153 do presente volume, omittiu-se a declaração, aliás essencial, de que a referida igreja é onde está estabelecida a unica parochia da villa d'aquelle nome, na ilha das Flôres.

Esta formosissima ilha está situada em 21° 59' 15'' de longitude occidental, 39° 25' de latitude septentrional, e a 30 leguas ao noroeste do Fayal (segundo se lê na Chorographia Açorica): corre de norte a sul, medindo 8 leguas em comprimento, e 3 em largura, pouco mais ou menos. Ficam-lhe adjacentes os ilhéos do Monchique, a este, e o do Rodrigues, a léste: conta uns 13:000 habitantes. Tem boas madeiras; e cria muito gado vaccum, lanigero e suino.

— O amor de Deus purifica os corações mais criminosos, de vasos de ignorancia os converte em vasos de eleição, aplaca o Ente Supremo em seu justo furor, extingue o raio em suas mãos, abre as portas do céu, e fecha as do inferno. Uma alma, que este bello fogo anima, se eleva acima de si mesma, depura-se, dilata-se, adquire uma especie de immensidade, perde-se no Ente arrebatador a quem contempla, apropria-se de alguma sorte a sua grandeza, desposa a sua vontade, os seus desejos, não vive senão de uma vida divina; de sorte que em algum sentido se póde dizer, para me servir da phrase de um grande prelado, que assim como foi o amor que de Deus fez um homem, é tambem o amor que faz do homem um Deus.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

No proximo numero esperámos publicar um mui fiel retracto de **sua alteza imperial a senhora D. Maria Amelia**, de saudosa memoria, acompanhado d'uma noticia biographica, escripta pelo excellentissimo senhor **marquez de Resende**.